

SANTAELLA, Lucia. Corpo e Comunicação: sintoma da cultura. São Paulo: Paulus, 2004.

SANTAELLA, Lucia. Desafios da ubiquidade para a educação. In: Revista Ensino Superior Unicamp, ed. 9, 2013. Disponível em: <www.revistaensinosuperior.gr.unicamp.br/edicoes/edicoes/ed09_abril2013/NMES_1.pdf>. Acesso em: 28 de maio de 2016.

TIFENTALE, Alise; MANOVICH, Lev. Selfiecity: Exploring Photography and Self-Fashioning in Social Media. In: BERRY, David; DIETER, Michael. Postdigital Aesthetics: Art, Computation And Design. Uk: [Http://manovich.net/index.php/projects/selfiecity-exploring](http://manovich.net/index.php/projects/selfiecity-exploring), 2015. p. 109-122. Disponível em: <<http://manovich.net/index.php/projects/selfiecity-exploring>>. Acesso em: 22 nov. 2017.

TURKLE, Sherry. La vida em la pantalla: La construcción de la identidade em la era de internet. Paidós: Barcelona, 1995.

TURKLE, Sherry. Alone Together: Why we expect more from technology and less from each other. Basic Books: New York, 2011.

WEISER, Mark. The Computer for the 21st Century. Scientific American, Nova Iorque, v. 265, n. 3, p.94-104, set. 1991. Disponível em: <<https://www.lri.fr/~mbl/Stanford/CS477/papers/Weiser-SciAm.pdf>>. Acesso em: 22 nov. 2017.

Recebido: 16/08/2017

Aceito: 18/11/2017

A Experiência Estética no Cotidiano Autista: Um caminho de procissão e peregrinação

Igor Lucas RIES¹

Universidade Tuiuti do Paraná - UTP, Curitiba, PR

Resumo: As postagens sobre o autismo são presentes nas redes sociais e assumem papel importante na forma com que os indivíduos, inseridos neste contexto, compreendem as realidades do mundo e da vida cotidiana. Nestes lugares de fala acontecem encontros, partilhas, bem como as narrativas das suas experiências. Por isso, este texto ensaístico se inicia com a abordagem da experiência estética percebida através das rupturas presentes no cotidiano (Gumbrecht). Em seguida, reflete sobre a importância das emoções e do toque, com seu poder de transformação (Didi-Huberman e Nancy). Argumenta sobre a sociedade da transparência e das redes sociais como espaços de exposição, visibilidade e de partilha e, por fim, defende que a experiência estética, também no contexto autista, é um caminho de procissão e peregrinação, carregado de significações e acontecimentos narrativos (Han).

Palavras-chave: Autismo. Comunicação. Experiência Estética. Narratividade. Redes Sociais.

Abstract: Posts about autism are in social network and play an important role in the way that individuals who are into this context understand the world and the daily life realities. At these places of conversation there are meetings, sharing, as well as narratives about ones experiences. That is the reason why this text starts with the approach of an aesthetic experience apprehended through daily life ruptures (Gumbrecht). Then the text leads to a different reflection about the importance of emotions and physical contact, with their power of transformation. (Didi-Huberman and Nancy). It shows the discussion about the society of transparency and the social networks as exhibition, visibility and sharing spaces. Finally it exposes that the aesthetic experience is a processional and pilgrimage road of knowledge and narrative events in the autism context (Han).

Keywords: Autism. Communication. Aesthetic Experience. Narrative. Social Networks.

¹Mestrando em Comunicação e Linguagens PPGCOM - UTP-PR. Graduado em Comunicação Social – Propaganda e Publicidade, Especialista em Marketing Estratégico, Docência no Ensino Superior e Formação de Tutores no EAD. Professor de graduação da Faculdade Padre João Bagozzi nas unidades curriculares de Comunicação e Marketing, nos cursos das áreas da Gestão e Educação. E-mail: igor.lucas@uol.com.br

Resumen Las publicaciones sobre el autismo están presentes en las redes sociales y desempeñan un papel importante en la forma en que los individuos insertados en este contexto, comprenden las realidades del mundo y de la vida cotidiana. En estos lugares de habla ocurren encuentros donde hay momentos de compartir narrativas y sus experiencias. Por eso, este texto se inicia con el abordaje de la experiencia estética percibida a través de las rupturas presentes en el cotidiano (Gumbrecht). A continuación, reflexiona sobre la importancia de las emociones y el toque con su poder de transformación (Didi-Huberman y Nancy). Se argumenta sobre la sociedad de la transparencia y de las redes sociales como espacios de exposición, visibilidad y de compartir y, por último, defiende que la experiencia estética, también en el contexto autista, es un camino de procesión y peregrinación, cargado de significaciones y acontecimientos narrativos (Han).

Palabras clave: Autismo. Comunicació. Experiencia Estética. Narratividad. Redes sociales.

A experiência estética no cotidiano autista

Aproximar a experiência estética do cotidiano autista, ou seja, das práticas discursivas presentes nas interações comunicacionais da rede sócio afetiva ligada aos autistas, é o que pretende este ensaio. A experiência acontece também por meio de uma determinada forma de narrativa, encontrada nas redes sociais e em suas comunidades, eleitas como lugares de fala por parte dos que convivem com um autista e com todo o seu ritual de vida, desde o momento da descoberta. O autismo torna-se, portanto, elemento de aproximação destes grupos, o interesse comum que oportuniza encontros, expressões e experiências no cotidiano.

Popularizado a partir dos grandes e importantes protagonistas cinematográficos, como Temple Grandin² e Raymond (*Rain Man*)³, com seus potenciais *savants*⁴, o autismo hoje é caracterizado como um Transtorno do Espectro Autista (TEA), com a abertura para existência de vários níveis de dificuldades no espectro, bem como com a inclusão de muitas potencialidades. O TEA é uma condição do desenvolvimento neurológico, caracterizado por uma alteração da comunicação social e pela presença de comportamentos repetitivos e estereotipados. Segundo dados do CDC - *Center of Diseases Control and Prevention* (2014), órgão ligado ao governo dos Estados Unidos, existe hoje um caso de autismo para cada 68 pessoas (1,47%) e, se considerada a população entre 3-17 anos, o número é de 1 para 45 pessoas (2,22%). Estes números aumentam à medida que as metodologias ficam mais precisas e os diagnósticos tornam-se mais precoces. Elevam-se os casos diagnosticados e, conseqüentemente, as experiências interacionais entre os grupos de indivíduos que compartilham a mesma vivência.

Uma condição de diferença, por premissa, traz desordem na rotina social. Há de se considerar também o ritual que circunda o caminho daqueles que, sem nenhuma pretensão, são inseridos neste universo ao perceberem que uma criança do seu contexto socioafetivo tem traços autísticos. Em síntese, o ritual compreende a percepção dos comportamentos atípicos ao desenvolvimento infantil; a busca por apoio médico e terapêutico; um período angustiante de acompanhamento para que o diagnóstico, processual, possa ser realizado; o diagnóstico; o luto; a aceitação ou não desta condição; e um novo caminho a ser percorrido, próprio para peregrinos que dependem do tempo, que não podem acelerar a passagem, mas que passa-

rão por experiências transformadoras.

A busca por informações, tratamentos, apoio e consolo, oportuniza o aproximar de experiências vividas no cotidiano de outros indivíduos incluídos na mesma realidade. Formam-se grupos, trocam-se experiências, depoimentos, acontecem exposições ou recolhimentos, surgem mobilizações e interações sociais diversas. Nasce discursos, ideologias e estigmas, comunicações transformadoras ou até mesmo a banalização do autismo, por conta da hipercomunicação ou pelo consenso tácito que circula e nutre o saber comum.

Neste contexto social e cultural, intensificado pela experiência a partir do uso dos dispositivos tecnológicos como celulares e *smartphones*, os sujeitos têm promovido práticas interacionais, trocas de apoios, narrativas testemunhais, além de reivindicações diversas, antes destinadas aos grupos presenciais de ajuda, bem como ao convívio familiar e social mais próximo. O êxito do uso das redes sociais, *blogs*, portais de informação, entre outras plataformas digitais com o compartilhamento de dados, permite que os indivíduos ampliem sua ação e exposição, que agora pode ter alcance global, com possíveis efeitos sociais e na cidadania. Neste caso, os relatos de experiências do universo autista, nas mídias sociais, surgem de anônimos, celebridades, profissionais da educação, médicos e por especialistas em tratamentos e terapias, revelando fatores culturais, bem como explorando a partilha da vivência.

Viver ao lado do indivíduo autista é, portanto, uma oportunidade de experimentar o mundo através desta condição própria, diferente, especial ou particular, com as atenções voltadas ao que diz respeito a tal realidade. O cotidiano promove os acontecimentos, as lutas, as conquistas, dificuldades ou vitórias, enfim, as experiências. A comunicação ou partilha destes acontecimentos pode se dar por diferentes meios de interação social ou lugares de fala e que, em cada um deles, certamente os resultados experienciados serão distintos. Desta forma, tanto pelo autismo como por qualquer outro fator de vivência, as experiências irão emergir, inclusive com valor estético.

É neste contexto interacional, com vínculos, emoções e afetações, que Gumbrecht (2006) aproxima a experiência estética dos acontecimentos do cotidiano, ampliando-a para além do domínio artístico, dos objetos e ambientes que, por tradição, estariam consagrados para este fim. Gumbrecht (2006) considera que, por se oporem ao fluxo da nossa experiência cotidiana, como rupturas, os momentos de experiência estética se parecem com pequenas crises. Defende que estas pequenas crises do cotidiano podem ser vividas como

²Temple Grandin é a mais bem-sucedida e célebre profissional norte-americana com autismo, altamente respeitada no segmento de manejo pecuário. Tornou-se uma proeminente autora e palestrante sobre o tema autismo porque ela é uma prova viva de que as características de autismo podem ser modificadas e controladas. Bacharel pelo Franklin Pierce College e com mestrado em Ciência Animal na Universidade Estadual do Arizona, é Ph.D. em Ciência Animal, desde 1989, pela Universidade de Illinois (JUNIOR, 2012).

³Raymond é um personagem autista, protagonista do drama norte-americano *Rain Man*, 1988, de Berry Levinson. Raymond é um "autista sábio" com habilidades mentais seriamente limitadas em algumas áreas, mas com capacidade de gênio em outras (AUTISMO & REALIDADE, 2016).

⁴A síndrome de savant é considerada um distúrbio psíquico com o qual a pessoa possui uma grande habilidade intelectual aliada a um déficit de inteligência. As habilidades savants são sempre ligadas a uma memória extraordinária, porém com pouca compreensão do que está sendo descrito. É encontrada em uma a cada dez pessoas com autismo (UNIVERSO AUTISTA, 2016).

experiências estéticas se forem vistas e sentidas como estéticas, se houver sensibilidade por parte do sujeito à experiência do caráter excepcional dessa crise, na presença de condições que favoreçam essa experiência.

Estas rupturas podem ser percebidas também no cotidiano daqueles que vivenciam o autismo nas suas relações ordinárias. Acontece, por exemplo, quando brota uma palavra da boca de uma criança autista, tida como não-verbal por não utilizar da linguagem oral, usualmente, para se comunicar. Ocorre também quando outra criança autista escolhe ganhar, como presente de Natal, uma escova de dentes azul⁵, mesmo diante da condição social favorável da sua família e da possibilidade de optar por tantos outros brinquedos convencionalmente mais interessantes ou atrativos, mostrando-se muito feliz ao se deparar com o presente almejado. Há, nestes momentos, uma ruptura no cotidiano e a oportunidade para experiências estéticas, certamente baseadas nas disposições e preferências dos indivíduos inseridos neste contexto, autista, convencidos de que tais acontecimentos são belos ou sublimes.

Gumbrecht, baseado nas redes conceituais desenvolvidas por Kant, Heidegger e Seel, propõe, como série meta-historicamente válida de distinções, quatro conceitos para a descrição da experiência estética: o conteúdo, os objetos, as condições e os efeitos da experiência estética. Aplicando-os ao último exemplo, poderíamos entender que o conteúdo da experiência estética seriam os sentimentos íntimos produzidos naqueles que a vivenciaram, pela simplicidade da escolha da escova de dentes azul, pelo significado ou impressão de "finalidade sem fim" que este objeto pôde ter para a criança ou naqueles que presenciaram a cena, afetados, emocionados. O objeto, neste caso, é a atitude da criança diante da escolha do presente, ampliado pela sua reação ao receber a escova de dentes azul. Já as condições da experiência estética são as circunstâncias situacionais historicamente específicas nas quais o fato está relacionado, traduzidos como o contraste da escolha, avessa ao consumismo, por exemplo, em época de trocas de presentes, no Natal. Por fim, os efeitos resultam, como consequências que perpassam o momento da experiência, nas transformações no modo de enxergar a vida, nas "potencialidades até então escondidas das coisas, ou na serenidade enquanto o estado de espírito que Heidegger associa à experiência estética" (GUMBRECHT, 2006, p.54).

Por meio deste exemplo é possível caracterizar a oscilação entre os efeitos de significação e de presença, da qual depende a experiência estética, em Gumbrecht. O efeito de significação ocorre diante do conceito que se tem sobre o universo autista, o entendimento do sentido de tais comportamentos destas crianças ou do significado de uma escova de dentes, como um presente tão almejado. Este sentido oscila com o efeito de presença, quando não há como não se surpreender com a materialidade repentinamente estranha deste presente (a escova), que surge com força e que logo devolve espaço ao efeito de significação. Assim, Gumbrecht (2006) configura o valor estético de uma interação pelo efeito de presença, de proximidade, que certos objetos, situações

⁵ A Escova de Dentes Azul. Em 27/Dez/2015, após celebração do Natal, o apresentador Marcos Mion escreveu um texto no seu perfil do Facebook revelando detalhes sobre a convivência com seu filho Romeo, de 9 anos, autista. No post o apresentador conta sobre o inusitado presente de Natal que o filho pediu para ele e sobre a lição que aprendeu com isso. Publicado há menos de meia hora, o texto alcançou mais de 1.000 curtidas. Em 2016 o apresentador transformou a experiência em livro, lançado em 30/Nov/2016. (MION, 2016)

ou pessoas podem proporcionar, em condições de excepcionalidade da vida cotidiana.

As afetações causadas por estas excepcionalidades cotidianas ocorrem por serem baseadas em percepções sensíveis, por despertarem emoções. O filósofo francês e historiador Didi-Huberman (2016, p.38) defende que "é por meio das emoções que podemos transformar nosso mundo desde que, é claro, elas mesmas se transformem em pensamentos e ações". Didi-Huberman inverte a percepção de pura e simples passividade das emoções, valorizando-as como comportamentos sociais, diante dos outros, tanto pela honestidade e coragem que as lágrimas carregam, por exemplo, como pelas expressões verdadeiras que passam por experiências corporais, gestos reconhecidos pelos outros e que se configuram como linguagem.

Por isso, para este filósofo, as emoções têm e são um poder de transformação, capazes de modificar memória em desejo, passado em futuro, tristeza em alegria. Enfatiza que, a partir do momento que somos tocados, invadidos por uma emoção, "uma coisa chamada alegria é imediatamente provocada", de forma transtornante (DIDI-HUBERMAN, 2016).

Sobre a importância do tocar, de forma complementar, Nancy (2014) defende que o "ser" é indissociável da relação, pois "cada 'eu' existe e não passa de um ato de sua relação dirigida ao mundo – dirigida ao que se costuma chamar de 'o outro' e cuja alteridade se revela no toque ou como toque". Para Nancy, este poder de receber algo do exterior, de estar sujeito ao toque do outro e, portanto, de sentir a emoção do outro, direciona para a partilha da sensível.

Por serem da ordem do pensamento sensível e terem valor estético, por vezes, experiências como a da escova de dentes azul são testemunhadas, narrativizadas e compartilhadas nas redes sociais com a finalidade da partilha com outras pessoas, do mesmo universo ou não, configurando uma prática comunicacional.

Espaços de exposição e partilha

Esta reflexão permite uma aproximação aos tempos atuais, fase das convergências tecnológicas, quando, através dos aparatos e das redes sociais, indivíduos de diferentes idades, realidades sociais, econômicas, culturais e demográficas tornam visíveis suas experiências com o autismo através da publicação de imagens, postagens de testemunhos, relatos, ou seja, das suas diferentes experiências. Traz também, ao mesmo tempo, o entendimento de que estes narradores, nos seus lugares de fala, traduzem as suas experiências do cotidiano.

Parte destes sujeitos elegem as redes sociais, como o *Facebook*, através dos próprios perfis ou páginas de grupos direcionados ao autismo, para exercerem suas práticas comunicacionais. Há espaço para a busca de informações e apoio, para as reivindicações, bem como uma abertura para a visibilidade, para a exposição das suas experiências.

É neste contexto que o filósofo coreano Byung Chul-Han questiona a existência de comunidades na sociedade digital, contaminadas pelo poder econômico e que são solapadas pelo valor da exposição, num movimento que denominou como sociedade da transparência. Sua crítica se apoia em Benjamin (1963) ao defender que, para as coisas que estão ao serviço do culto, existirem é mais importante do que serem vistas, ou seja, "o seu valor cultural depende da sua existência e não da sua exposição" (HAN, 2014, p.21).

Han (2014, p. 21) entende, portanto, que a "negatividade da separação, da delimitação e do enclausuramento é construtiva do valor cultural" e que na "sociedade positiva,

onde as coisas, ou mercadorias devem-se 'expor-se' para 'ser', o valor cultural desaparece em benefício do seu valor de exposição". Isso acontece porque, na sociedade da exposição, a existência é insignificante e o interesse é voltado para a visibilidade, o que justifica o desaparecimento da aura enquanto "manifestação de uma distância" e deve-se, exclusivamente, à produção de atenção. É nesta falta de distância, então, que se estabelece a transparência, pela uniformidade com que as coisas se apresentam, como um vazio de sentido, no qual a complexidade é reduzida por uma aceleração capaz de anestesiar as sensações (HAN, 2014). Aí é que se percebe a importância da distância, já evocada por Benjamin, traduzida como uma demora que favorece a contemplação estética do olhar.

Acontece que, em tempos de exposição nas redes sociais, com as fotografias digitais, a possibilidade de edições e filtros de imagens, o rosto humano torna-se uma face dissolvida no seu valor de exposição, estetizada como uma mercadoria, transparente e igual a todas as outras, perdendo a aura do olhar, justifica o autor. Nesta face, então, a transparência apaga qualquer negatividade ou temporalidade, sufoca qualquer narrativa e, por isso, impede que imagem fale. O que resulta deste contexto, enfim, é a "necessidade imperiosa de beleza e boas condições físicas" como forma de maximizar o valor da exposição e da exploração do visível, com o fim de aumentar o capital da atenção (HAN, 2014, p. 25). Porém, para a reflexão estética, o invisível é o que conduz para o interior, é o que garante a ruptura necessária para o despertar de uma meditação sobre o que se vê. De forma desacelerada, a comunicação torna-se mais complexa, aberta para o florescer dos sentidos, à contemplação.

Talvez seja por isso que as imagens dos autistas sejam misteriosas, um tanto livres desta uniformização e aceleração, com negatividades e distâncias mais presentes. Estas crianças geralmente não contribuem para as fotos posadas, não direcionam o olhar para a câmera e, por vezes, nem percebem que pertencem a um cenário fotográfico. Em certas ocasiões são pressionadas, com certa privação de liberdade, para que o enquadramento e registro fotográfico aconteça, resultando numa emoção imposta, retomando Didi-Huberman (2016). Mesmo que a intenção de seus pais seja a exposição nas redes, que objetivem a visibilidade ou ainda que busquem a uniformização da imagem adequando-a para um determinado contexto cultural ou comercial, dificilmente a imagem será desprovida de rupturas. Nestes casos os registros evocam reflexões do tipo: para onde ela estava olhando?; em que estava pensando?; o que chamava mais sua atenção no momento do fotografar do que a própria câmera?; e os seus pais, como se sentem nessa situação?; estão felizes ou incomodados?

Surgem, nestes casos, em que o invisível desperta a reflexão, estas e tantas outras complexidades, brotam as oportunidades de partilha, de alteridade e de experiência estética ainda que seja pela exposição nas redes, mas de forma menos transparente, através de uma comunicação não plenamente uniformizada, desacelerada e que contribui com o sentido. Este caminho lento e de sentidos torna-se próprio, portanto, para os peregrinos.

Procissão e peregrinação: acontecimentos narrativos

Apoiado na teoria da obscenidade de Sartre, transposta para os corpos sociais, os seus processos e movimentos, Han explica que os corpos "tornam-se obscenos quando se despojam de toda a narratividade, de toda a direção, de todo o sentido". Considera também, baseado em Baudrillard (1983), que são obscenas a hiperatividade, a hiperprodução, a hipercomunicação e o movimento puro, acelerado, que o leva ao extremo, ao mesmo tempo que o destitui do sentido. Assim, Han (2014, p.48) conclui que "só é possível acelerar um processo que seja aditivo (transparente) e não narrativo". É na narrativa, então, que habitam a negatividade, a experiência, o conhecimento. Amparado em Hegel (1952), Han lembra que "o interior do pensamento é habitado por uma negatividade que permite fazer experiências que o transformam" (HAN, 2014, p. 48).

Esta explicação pode ser figurada, por exemplo, pelas comunidades virtuais atraídas pelo cotidiano autista compostas por pessoas que acreditam carecer de informações, apoio ou orientações sobre as suas motivações iniciais, mas que, por fim, tornam-se anestesiadas pela hipercomunicação, pela avalanche de informações publicadas e por um movimento acelerado, transparente, que solapa as capacidades reflexivas e as experiências transformadoras.

Sobre a transformação do pensamento, é importante esclarecer a distinção entre informação e experiência:

A negatividade não marca somente a experiência, mas também o conhecimento. Um único conhecimento pode, pondo em questão seu conjunto, transformar o anteriormente existente. A informação é desprovida desta negatividade. A experiência, igualmente, tem consequências, das quais surge a força da transformação. É o que distingue a vivência, que deixa intacto o anteriormente existente (HAN, 2014, p. 48).

Conforme exposto no início deste ensaio, o entendimento de um indivíduo sobre o seu próprio pertencimento ao universo autista, ainda enquanto membro da rede socioafetiva de um sujeito outro, inserido neste espectro, acontece através de um ritual, lento e com obstáculos, por vezes documentado e exposto nas redes sociais. Han esclarece que os rituais e cerimônias são acontecimentos narrativos que se subtraem à aceleração. Por isso, o ritual de descoberta deste universo autista torna o caminhar um acontecimento narrativo, percorrido como uma procissão⁶, que é dirigida, que precisa avançar, mas que não é possível acelerar.

Para Han (2014), em seus trechos finais, as peregrinações configuram-se com frequência como procissões, afinal, a terminação, a conclusão ou a consumação de algo só é possível no interior de uma narrativa. Desta forma, é possível reconhecer a narratividade que se apresenta nas publicações daqueles sujeitos que caminham como peregrinos, desacelerados, mesmo através de exposição nas redes sociais, partilhando suas experiências da ordem do sensível, rumo ao futuro, no qual se espera a ressignificação de algo, como o autismo.

Por isso, pela narrativa de um testemunho, podem surgir oportunidades de suscitar novos discursos sensíveis, outras experiências, reflexões, de se transformar um conhecimento respeitando, certamente, o tempo necessário para tal acontecimento. Neste sentido, Han justifica que:

⁶Procissão: proveniente da palavra latina *procedere*, que significa "avançar" (HAN, 2014, p.48).

A beleza de uma coisa "só aparece muito mais tarde", à luz da outra, como reminiscência. O belo não é o brilho instantâneo do espetáculo, o estímulo imediato, mas a fosforescência silenciosa, a fosforescência do tempo. A beleza é um hóspede, um retardatário. [...] A transparência não fosforesce. [...] Só as configurações complexas, narrativas, exalam aroma (HAN, 2014, p. 51).

Por outro lado, ainda há de se considerar, às vistas do autor, a existência de uma sociedade íntima, formada por um mundo onde a representação e a leitura das emoções e dos sentimentos cedem lugar à exposição, venda e ao consumo de intimidades. A presença das mídias sociais (ex: *Facebook*) e dos buscadores (ex: *Google*) personalizados, constroem na rede um espaço de proximidade absoluta, do qual o externo foi eliminado. Este risco faz com que, neste espaço, encontremo-nos a nós mesmos ou aos que se assemelham a nós. Na falta da capacidade de representação acontece, por consequência, a dificuldade do indivíduo de evadir-se de si mesmo e, também, de encontrar o outro. Há apenas a exposição.

Apesar de todo o relacionamento proposto pela rede social, existe a possibilidade de uma falsa liberdade presente nestes lugares de fala. As redes sociais provocam a impressão de não existir nenhum outro anteparo ou agente mediador da fala entre a pessoa que vive a experiência do autismo e os outros componentes, espectadores, convocados como testemunhas desta experiência. Por isso, será que as redes sociais, por serem um contexto, um ambiente ou meio, já não atuam com uma certa modulação ou negociação da imagem, mesmo que possibilitem as livres narrativas dos fragmentos de relatos e histórias de vida? Para esta abordagem, Han (2014) caracteriza a existência de uma sociedade do controle, da vigilância, contrapondo o panóptico perspectivista de Bentham (2008) a um novo panóptico digital do século XXI, desprovido de perspectiva. Nesta sociedade, acontece, na sua visão, o maior controle de cada um e a falsa impressão de liberdade. Num ambiente transparente e altamente controlado, a desconfiança prevalece. Onde a transparência domina não se abre espaço para a confiança. No entanto, a confiança só faz sentido num estado intermediário, em que exista o saber e o não-saber.

É neste contexto que, neste ensaio, apoiaram-se os argumentos sobre a sociedade da transparência e das redes sociais como espaços de exposição, visibilidade e de partilha, e da experiência estética, também no contexto autista, como um caminho de procissão e peregrinação, carregado de significações e acontecimentos narrativos.

Nesta reflexão, considerou-se a importância da experiência estética para a comunicação, percebida através das rupturas presentes no cotidiano, como argumenta Gumbrecht (2006), bem como pelo valor das emoções e do toque, com seu poder de transformação, em Didi-Huberman (2016) e Nancy (2014). A experiência vivenciada, que reúne e permite a partilha, a comunhão do cotidiano, que é narrada e mediatizada, ilustra a importância do "comum" entre os indivíduos. É o comum que aproxima grupos de interesses, que permite o desenvolvimento, a partilha e a troca, e que dá sentido ao conceito maior da comunicação.

Desta forma, a experiência estética não está apartada da experiência em geral, como um modo de contemplação dos objetos artísticos, mas valoriza a vivência de acontecimentos ordinários e cotidianos, a partir de um conjunto de descobertas e acontecimentos que vão se articulando de forma coerente e podem ser expressos através da linguagem, ou seja, narrativizados. Trata-se de uma onda de interação que é ativada de modo que o indivíduo, ao passar pela experiência, não permaneça o mesmo.

Referências

- AUTISMO & REALIDADE. Diagnóstico do autismo. Disponível em: <<http://autismoerealidade.org/informe-se/sobre-o-autismo/diagnosticos-do-autismo/>>. Acesso em: 8 jul. 2016.
- BAUDRILLARD, J. *Les stratégies fatales*. Paris: Grasset, 1983.
- BENJAMIN, Walter. *Das Kunstwerk im Zeitalter seiner technischen Reproduzierbarkeit*. Frankfurt, 1963, p.21.
- BENTHAM Jeremy [et al.]. *O Panóptico*. Organização de Tomaz Tadeu; traduções de Guacira Lopes Louro, M. D. Magno, Tomaz Tadeu. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2008.
- DIDI-HUBERMAN, Georges. *Que emoção! Que emoção?* São Paulo: Editora 34, 2016.
- GUMBRECHT, Hans Ulrich, *Pequenas crises. Experiência estética nos mundos cotidianos*. In: GUIMARÃES, C. et al (orgs.). *Comunicação e Experiência Estética*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2006, p. 50 a 63.
- HAN, Biyung Chul. *A sociedade da transparência*. Lisboa: Relógio d'Água Editores, 2014.
- HEGEL, G.W.F. *Phänomenologie des Geistes*. Hamburgo, 1952.
- JUNIOR, Paiva. Temple Grandin fala em entrevista exclusiva para a Revista Autismo. *Revista Autismo*. Disponível em: <<http://www.revistaautismo.com.br/edic-o-3/temple-grandin-fala-em-entrevista-exclusiva-para-a-revista-autismo>>. Publicado em 21 dez. 2012. Acesso em: 5 jul. 2016.
- JUNIOR, Paiva. Casos de autismo sobem para 1 a cada 68 crianças. *Revista Autismo*. Disponível em: <<http://www.revistaautismo.com.br/noticias/casos-de-autismo-sobem-para-1-a-cada-68-criancas>> Publicado em 28 mar. 2014. Acesso em: 5 jul. 2016.
- MION, Marcos. *A escova de dentes azul; ilustração Fabiana Shizue* – 1.ed. – São Paulo: Panda Books, 2016. 48p.
- NANCY, Jean-Luc. *Arquívada: do senciante e do sentido*. São Paulo: Iluminuras, 2014.
- UNIVERSO AUTISTA. Síndrome de Savants: o que é síndrome Savant. Disponível em: <<http://www.universoautista.com.br/autismo/modules/altern8news/article.php?storyid=19>>Acesso em: 5 jul. 2016.

Recebido: 27/07/2017

Aceito: 16/11/2017